



A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA, MORTE E LUTO NO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Thaína Martins da Silva¹, Lídia Maria Nazaré Alves²

¹Graduanda em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Campus Carangola/MG. thainamartinss@hotmail.com

²Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense; Professora da UEMG; Professora da UNIFACIG; Professora da FADILESTE. lidianazare@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo o estudo e a análise da obra “A Terceira Margem do Rio” de João Guimarães Rosa. Relacionamos à temática da obra como uma representação da loucura, o que leva à marginalização e o afastamento social de uma das personagens, além de enunciar a presença da morte e do luto presentes no conto de maneiras alegóricas. A definição e história da loucura serão apresentadas de forma sucinta no que tange a sua relevância para o presente estudo. Para a definição da morte e luto, serão abordados o seu conceito quanto à ciência antropológica da morte. Para uma melhor análise a respeito das alegorias existentes no conto, será feita uma inferência com alguns mitos e personagens presentes na mitologia grega. Além de uma apresentação geral do conceito morte, segundo a tradição cristã e suas crenças, em conjunto das crenças da antiga Grécia, no tocante morte.

Palavras-chave: Loucura; Morte; Luto; Alegoria; Marginalização; Guimarães Rosa.

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, abordaremos temas como loucura, morte e o luto, assuntos sempre discutidos ao longo de período da existência humana, em variadas regiões e culturas. É inerente ao ser humano essa característica de explorar esses temas, a fim de criar significações que possam dar um sentido à existência efêmera do homem, mesmo que essas possíveis explicações sejam por meio da religião e crenças de uma determinada sociedade em qualquer período da história humana.

A ciência que possui a morte como seu objeto é a antropologia, mais especificamente a antropologia da morte. Esta ciência trata de analisar a morte e seu ritual fúnebre em diversas culturas como forma de perceber o impacto e angústia causada por ela e de como os indivíduos dessas sociedades lidam com o falecimento (MALYSSE, 2000, p.3).

Os gregos acreditavam que, no momento da morte, o indivíduo perdia a individualidade, pois agora estaria incorporado ao cosmos. Para eles, uma forma de evitar essa perda, pelo menos não de forma completa, era através da realização do rito funerário, pois, ao ter a sua própria tumba, o falecido estaria mantendo um pouco da sua própria essência (SANTOS, 2010, p.349).

É como pensarmos que o ritual funerário deve ser um momento de despedidas, tristezas e lágrimas; porém, em algumas culturas como a da África do Sul, por exemplo, o rito funerário é comemorado como uma grande festa, com o uso de roupas coloridas e grandes banquetes. O motivo dessas extravagâncias se dá pelo ritual fúnebre ser longo, além de ser um costume visitar a casa da família que sofreu a perda. As condolências costumam durar por uma semana, principalmente à noite (NKOSI, 2011.). Essas formas de significar a morte e de como ela deve ser tratada apontam para uma crença de continuidade de uma vida após esta, presente em diversas culturas e religiões.

Porém, de modo menos desolador, a loucura aparece como uma pequena morte, a morte da sanidade, a morte do que é real ou não. Ao longo das épocas, a loucura foi tratada de diferentes formas. Antes de Freud, por exemplo, na antiguidade romana e grega, a loucura era tratada como uma prática mitológica sendo classificada como uma manifestação sobrenatural causada pelos deuses e/ou demônios da mitologia da época (MILLANI, VALENTE, 2008, p. 3).

Na época da inquisição, formada por tribunais da Igreja Católica, como era em voga na época relacionar tudo que não fosse “padrão” dentro das imposições da Igreja, a loucura também foi tratada como uma manifestação demoníaca, fazendo com que as pessoas de tal condição mental fossem

caçadas e até mesmo aquelas que não eram loucas acabavam sendo acusadas como tal (MILLANI, VALENTE, 2008, p. 3).

Mesmo após essas épocas mais remotas, os portadores da loucura continuaram sendo marginalizados, tratados como animais, trancafiados, surrados e mortos. Pois é a racionalidade que diferencia os homens dos animais, logo, por não possuir mais a sua própria racionalidade, o louco poderia ser bestializado, desumanizado e, para tentar controlá-los, os loucos começaram a ser internados em manicômios.

No século XIX, a psiquiatria estava se esforçando para encontrar um critério que fosse seguro para distinguir o que era a loucura do que era dissimulação. Porém, a loucura continuava a ser um mistério para os estudiosos, o profissional psiquiatra conseguia identificar a loucura no paciente, mas não sabia explicar cientificamente o que era (GARCIA-ROZA, 1998, p.30).

O sonho acaba reproduzindo as mesmas características da loucura. O sonho de uma pessoa “normal” adormecida se caracteriza como a sua loucura interior, já o louco é o que sonha acordado e, por isso, externa a sua loucura (MOREAU apud GARCIA-ROZA, 1998, p.30).

Como a literatura representa a vida e o cotidiano, seja o de um burguês, algum representante de alguma minoria étnica e/ou religiosa, a literatura também busca retratar personagens portadores de transtornos patológicos como a loucura e/ou a depressão, por exemplo.

Por conseguinte, é possível perceber que Guimarães Rosa busca representar personagens com essas características, como em “A Terceira Margem do Rio”, cuja estória é sob a ótica do personagem narrador que inicia a sua história sobre como um dia em que seu pai decidiu encomendar uma canoa para que, assim, ele pudesse ficar na “terceira margem do rio”. O enredo proporciona variadas interpretações acerca da mensagem do conto.

Algumas das possíveis teorias é que a estória trata-se de uma analogia à morte de um ente querido e de como, para determinadas pessoas, é extremamente difícil deixar a pessoa que “partiu”, de fato, “ir em paz”, uma vez que a pessoa de luto se prende às lembranças dos dias passados com quem se foi. Além de estarem representadas de forma alegórica a morte e o luto.

Em vista disso, questiona-se sobre a possibilidade de realizar uma leitura do conto Rosiano “A Terceira Margem do Rio” como um texto profundamente alegórico que visa abordar tanto a loucura, quanto a morte e, por conseguinte, o luto. Em vista que, para isso, o autor tenha utilizado a margem do rio e a canoa como principais fontes alegóricas para essas possíveis interpretações.

Nossas hipóteses são positivas para essas perguntas. Ao analisar o trecho em que o pai resolve encomendar uma canoa para si, a canoa, simbolicamente, é a representação do caixão, e a terceira margem do rio para qual ele deseja ir é o caminho para o “outro lado”, o lado espiritual, o lado da morte. Em algumas culturas, o barco e seus similares representam a morte, em vista que se tornam um meio de levar as almas dos mortos atravessando a fronteira da vida e da morte.

Já a outra possível interpretação, essa quase canônica, é de que o conto se refere à loucura, pois o pai estaria representando as pessoas que estão sempre na terceira margem, a margem da loucura (RODRIGUES, 2016, p.235). Guimarães Rosa é conhecido por abordar a loucura como um tema recorrente como, por exemplo, nas obras “Sorôco, sua mãe, sua filha” e “A menina de lá”.

Em a terceira margem do rio, é referenciável um não lugar, um lugar inexistente, sendo real apenas no psíquico de algumas pessoas. “O não lugar é o lugar da falta da razão e, portanto, da loucura” (RODRIGUES, 2016, p.235). Logo, a terceira margem criada por Rosa pode ser essa margem da loucura, da insanidade e que, por isso, causa a marginalização dos indivíduos que permeiam a margem, dos que sobrevivem à margem da sociedade, um lugar para todos aqueles que não foram “catalogados” dentro do padrão “normal”.

Outros autores já se interessaram sobre estes temas, tais como Silva (2013), Rodrigues (2016), Minuzzi (2014) e Okamoto (2008). O primeiro deles desenvolveu um estudo abordando “A Loucura na Terceira Margem do Rio” (2013), o segundo direcionou o seu estudo para a “Pessoa na Terceira Margem do Rio” que aborda o luto como um tema para o conto, uma vez que a tentativa do filho para sustentar a lembrança do pai pode ser caracterizada como uma necessidade que as pessoas têm de manter viva a memória, a presença dos seus entes queridos e da dificuldade de aceitar a morte (RODRIGUES, 2016, p. 234). O terceiro teórico aborda “Mia Couto e simbologia de barcos: navegar, mais do que possível, é sonhável”. Neste estudo, ele aborda acerca de simbologia dos barcos e rios como um símbolo da morte como no trecho “[...]o único caminho para se chegar ao mundo dos mortos, ao avesso do mundo dos vivos, é através das águas, em cima de um flutuante veículo, o que transforma a morte em uma viagem [...]” (MINUZZI, 2014, p.1). Já o último, seguiu a mesma linha do primeiro teórico sobre a loucura, como pode se comprovar pelo resumo “A terceira margem do rio, da obra Primeiras estórias, publicado em 1962, de Guimarães Rosa, causa um estranhamento ao leitor que se leva a questionar: onde fica a terceira margem do rio? Sem dúvida, a temática do livro é a loucura [...]” (OKAMOTO, 2008, p.64).

Este artigo justifica-se porque, como representantes do Curso de Letras, entendemos que a literatura, com as teorias que sustentam as leituras, constitui um espaço de experimentação que

influencia o amadurecimento das interpretações diversas de um mesmo texto, pois a literatura é ampla e, por isso, capaz de abranger inúmeros temas e significados dentro de uma única história, o que contribui para o enriquecimento de debates, estudos e pesquisas acerca dos temas propostos.

Noutro ponto, acreditamos que este artigo possa expor o papel fundamental da literatura na questão social acerca da representação de indivíduos marginalizados como os considerados loucos, os negros, os gays, todos os que habitam o “lugar de minoria” na sociedade. Além da abordagem de temas mais melancólicos como a profunda tristeza causada pelo luto e como isso influencia o cotidiano dessa e as relações pessoais desse indivíduo.

Quanto à metodologia, este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica explicativa, a partir do estudo feito por diferentes teóricos no que se refere às possíveis interpretações do conto “A Terceira Margem do Rio”.

2 REFLEXÃO ACERCA DAS ALEGORIAS DA LOUCURA, MORTE E LUTO PRESENTES NO CONTO

A alegoria (do grego *αλλος*, *allos*, “outro”, e *αγορευειν*, *agoreuein*, “falar em público”, pelo latim *alegoria*) trata-se de uma figura de linguagem de uso retórico que tem como característica expandir o significado dos termos referidos, podendo, assim, transmitir um ou mais sentidos além do sentido literal (CEIA, 1998).

Segundo Carlos Ceia, “Uma alegoria é aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra através de uma ilação moral” (1998, p.1). A alegoria serve para dar esse sentido de duplicidades às palavras, termos, textos, entre outros. São colocadas propositalmente pelos criadores da obra como forma de deixar subtendidas possíveis significações abertas, fazendo com que se iniciem diversas discussões quanto ao “verdadeiro significado” da obra.

A figura de linguagem alegórica, quando funcionando por uma relação de semelhança, proporciona ao leitor uma ampliação quanto à interpretação e proporcionado uma exemplificação de significados profundos (ALVES, REINEHR, 2014, p. 4).

Para realizar a decifração de uma alegoria, é preciso sempre de uma leitura intertextual que possibilite a identificação de um sentido abstrato e/ou mais profundo, sempre correlacionado a uma questão moral (CEIA, 1998, p. 2).

Em “A Terceira Margem do Rio”, há a presença alegórica da loucura iniciada pelo comportamento “anormal” do pai do personagem narrador. Guimarães Rosa não deixa explícito que o estranho comportamento do pai é, de fato, causado pela patologia; porém, deixa sempre subtendido, de forma alegórica, em certos trechos do conto. Como, por exemplo, em um trecho o narrador menciona o termo doido e questiona a sua própria sanidade e que, por algum motivo, tal palavra não pode ser pronunciada no leito familiar.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que meurgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo. (ROSA, 1994, p. 411)

No trecho citado, é possível perceber a forma sutil que o autor aborda a loucura como algo delicado e, até mesmo, em certas ocasiões, como um tabu; mas, em seguida, ele propõe uma discussão a respeito da loucura ser uma patologia inerente ao ser humano e, possivelmente, hereditária, em vista que, em um momento, o filho aceita trocar de lugar com seu pai na incansável missão de habitar a terceira margem, pois, segundo ele, seu pai já cumprira a sua missão e agora ele está velho e cansado. A loucura, neste trecho, é considerada como uma aceitação pessoal, uma plenitude pessoal, um abraço a loucura.

A loucura como uma predisposição patológica fica evidente no seguinte trecho:

Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto

de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia. (ROSA, 1994, p. 410-411)

Uma vez que foi levantada a possibilidade do filho herdar a loucura do pai, pois, segundo a opinião de um conhecido, ele estava bastante parecido com o pai, o filho discorda, pois, para ele, a diferença estava na aparência dos dois, em vista que agora o pai possuía arquétipos de uma pessoa largada, descuidada e, até mesmo, animalesca, essa última uma clássica caracterização de pessoas loucas, que é a desumanização delas perante a sociedade, submetendo-as a um nível de animal.

A morte também é tratada de forma alegórica nesse conto Rosiano, só que diferente da loucura, essa alegoria se encontra de forma mais sutil e até mesmo despercebida. Essa representação da morte é posta logo no início. “Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador” (ROSA, 1994, p. 409). Neste trecho, há a alusão à canoa que, como já mencionado na introdução, tem, como uma possível representação, um caixão; porém, quando se analisa com base na mitologia grega, o ato do pai de encomendar a canoa que coubesse justamente o remador, remete-nos ao mito grego de Caronte, o barqueiro do inferno. Filho de Érebo (a Escuridão) e de Nyx (a Noite), Caronte era um deus antigo e imortal cuja função era transportar, para além do Aqueronte e Estige, as almas dos mortos em sua barca fúnebre e estreita. Aqui pressupõe que Guimarães, em sua genialidade, tenha utilizado o mito de Caronte de forma alegórica para representar a partida do pai para o outro mundo, uma representação de morte.

Vale ressaltar que, em todo o conto, o filho e alguns outros familiares, às vezes, vagueavam pelas margens do rio na esperança de ver o pai na canoa, às vezes na tentativa de lhe chamar a atenção como no trecho “A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados” (ROSA, 1994, p.411). A coincidência, ou talvez de forma intencional pelo autor, é que esse trecho remete de forma clara umas das funções do deus Caronte que “repelia impiedosamente as sombras daqueles que haviam sido privados de sepultura, e deixava-as errar durante cem anos sobre as margens do rio, aonde em vão estendiam os braços para a outra margem” (MITOLOGIA ONLINE, 2016). Além de que nenhum mortal vivo poderia adentrar em sua barca.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. (ROSA, 1994, p. 413)

Junto com a alegoria morte, está o luto, presente na incapacidade do filho aceitar a morte de seu pai e não aceitar que ele agora habite a “terceira margem” (a morte). Sempre ao longo do conto procurando por motivos que levaram a seu pai “partir” para tal destino solitário ao meio do rio, mas que, no fim, ele aceita que o pai deve partir.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. (ROSA, 1994, p. 413).

3 A MORTE NA TRADIÇÃO CRISTÃ

A religião, desde os tempos antigos aos dias de hoje, tem servido como um bálsamo para aliviar as dores, tristezas, dúvidas e, acima de tudo, proporcionar um sentido existencial para aqueles que creem. No âmbito da psicologia, para alguns, a religião é entendida como uma instância que procura organizar tudo aquilo que não pode ser suportado. Segundo a necessidade do ser humano de ter um controle sobre os aspectos do mundo e da natureza à sua vontade e proporcionado uma proteção contra os demônios internos e inimigos contra a inevitável morte (BRUSTOLIN, PASA, 2013, p. 58).

Acreditar no cristianismo é acreditar na vida após a morte, na ressurreição, assim como foi a de Cristo, e que nada é o fim, principalmente para os justos merecedores da vida eterna no paraíso.

Essa crença ajuda a proporcionar um alívio quanto ao medo da morte. A esperança da eternidade e de um paraíso para alcançar é a esperança mais pujante para alguns indivíduos que creem em Cristo.

Para o teólogo espanhol Cardeal (2003, p.27, apud BRUSTOLIN, PASA, 2013, p.60), “pensar a morte significa remeter-se a uma história em que Deus revelou seu amor indo ao encontro dos seres humanos para transformar a morte em vida. Narrar essa história é anunciar que o amor é o essencial anúncio do Cristianismo”.

Tudo o que os cristãos detêm em relação à morte tem por meio da Sagrada Escritura. No Antigo Testamento, a morte e a sua experiência é tratada de forma ambígua, pois ao mesmo tempo em que ela é tratada como um fim natural à vida, por outra visão, ela é tratada como uma maldição e como uma provação que temos que passar, uma vez que Deus é o senhor da vida e da morte (BRUSTOLIN & PASA, 2013, p. 63).

4 A MORTE NA GRÉCIA ANTIGA

A morte, para a mitologia grega, era representada por Thanatos, filho de Nyx. O dever de Thanatos não estava, necessariamente, ligado a matar, mas sim de acolher o morto, passando muitas vezes como um libertador e, até mesmo, desejado por alguns que gostariam de acabar com seus sofrimentos em vida com a morte (MARCUS, 2012, on-line). Para os gregos:

Thanatos simbolizava não só o aspecto perecível da vida, a impermanência da existência, como a revelação de algo que veria a seguir. Não significava propriamente nada de monstruoso, de horrível, mas possibilitava o acesso, através dos adequados ritos funerários, a novas formas de existência que lembravam ideias de recomeço ou de evolução (MARCUS, 2012, on-line).

No trecho, fica nítido como os gregos não pensavam de forma tão diferenciada dos cristãos em relação à morte, pois ambas as crenças acreditavam em um pós-vida, que há algo mais além da morte seja o paraíso da bíblia ou os campos elísios da mitologia, ambas as concepções se assemelham a um lugar de paz e descanso para os mortos que mereceram tais lugares, o mesmo vale para a concepção de inferno e do tártaro, lugares de almas torturadas, amaldiçoadas e pecadoras que merecem as suas punições.

Os costumes funerários da antiga Grécia variam de épocas em épocas como, por exemplo:

Nos poemas homéricos, a praxe era a cremação. Na época clássica, o sepultamento era comum e a cremação só ocorria em casos excepcionais. Em Atenas, como se disse, a necrópole oficial era chamada de Cerâmico, de onde partia a estrada em direção do Santuário de Elêusis. [...] O cemitério ficava na parte externa, fora dos muros, perto da porta chamada Dipylon (esta palavra, em grego, significa tudo o que é duplo, como o corpo e a alma, tudo que é dividido por dois; por esse nome designavam-se também as pinças do escorpião) (MARCUS, 2012, on-line).

O culto aos mortos na Grécia, em alguns aspectos parecido com o do antigo Egito, pois o morto, mesmo em sua sepultura, estava bastante ativo e interferindo de forma presente na vida dos vivos. Era o costume realizar certas oferendas como bebidas, comidas e, até mesmo, o sangue. Eram tomados muitos cuidados para não despertar a ira dos mortos, para isso, era importante que eles sempre fossem lembrados pelos vivos e a melhor forma de fazê-lo era através de oferendas para agradar aos mortos (MARCUS, 2012, on-line).

Considerando que o pai está morto e o filho tem de lidar com essa realidade, no conto há uma passagem que remete a essas práticas de oferendas aos mortos.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a ideia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. (ROSA, 1994, p. 410).

5 RESULTADO DA DISCUSSÃO

Como foi proposto no início deste trabalho, cuja discussão gira em torno das alegorias da loucura, morte e luto na obra “A Terceira Margem do Rio” de Guimarães Rosa. Torna-se evidente que Guimarães se utilizou da figura de linguagem, alegoria, para abordar temas delicados como os já citados.

A literatura tem como característica abordar assuntos presentes em nossa sociedade, antiga ou moderna, principalmente a loucura que é histórica; desde tempos antigos, os loucos estiveram presentes, sejam de fato portadores dessa patologia ou pessoas subversivas que eram consideradas “loucas” por aqueles que detinham o poder de apontar o que era normal e aceitável e o que era um comportamento controverso e inaceitável. Porém, a loucura também significa liberdade para ser quem qualquer pessoa deseja ser e para viver sem se importar com o julgamento de terceiros, pois como disse Aleister Crowley (1904) “Fazes o que tu queres, há de ser o todo da Lei”. É dessa maneira que o dito como louco vive para realizar suas vontades e desejos, como o pai no conto que um belo dia resolveu largar tudo para poder permear a terceira margem do rio, neste caso, considerando uma análise literal quanto à existência do rio. O medo do filho de ficar igual ao pai é o medo que está presente em todos nós, o medo de nos perdemos em nós mesmos e abraçarmos a nossa loucura interior que é presa e controlada por convenções sociais. Neste sentido, a loucura pode ser considerada libertadora.

Quanto à morte, é possível analisar que, até mesmo em visões de culturas e religiões e crenças diferentes, trata-se de um aspecto da vida humana que não aprendemos aceitar, pelo menos não de forma totalmente plena. O medo da morte e o sofrimento que ela causa faz com que busquemos por consolos, sejam, por exemplo, em religiões ou em barganhas pessoais como as presentes nas 5 fases do luto de Elisabeth Kubler-Ross (1992) que são:

- 1) A Negação: Isto não está acontecendo;
- 2) Raiva: Do porque aquilo está acontecendo especificamente como ele;
- 3) Negociação: Também conhecida como barganha, é o estágio das ofertas como, por exemplo, desejar viver só para ter o tempo de ver o filho crescer, ou até mesmo barganhar com a bebida alcoólica, outros entorpecentes e sexo;
- 4) Depressão: A fase da extrema tristeza e vazio pessoal;
- 5) Aceitação: A fase de aceitar que não podemos mudar as coisas, pois elas são como são e que, por isso, devemos seguir com nossas vidas.

Ao longo de todo o conto o filho apresenta esses sinais sobre a ida do pai na canoa (caixão), para a terceira margem do rio, aqui tendo um sentido figurado sendo analisada como a morte. O filho se sente triste pela partida do pai, depois passa para o sentimento de indignação, sobre os motivos que levaram o pai a ir para a terceira margem, passou pela fase de negociação, depressão e, por fim, a aceitação da ida do pai. “Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado” (ROSA, 1994, p. 413).

6 CONCLUSÃO

Com toda a discussão realizada, pode-se vislumbrar a genialidade de Guimarães Rosa, em criar uma obra de estrutura tão profunda, tornando-se possíveis análises de diferentes ângulos e vertentes de pensamentos tanto filosóficos e religiosos quanto científicos. A abundância de possíveis significados no conto “A Terceira Margem do Rio” torna a sua leitura uma leitura de prazer, uma vez que faz com que o leitor aprofunde-se em na busca por compreensão e reflexão.

Foi possível segmentar o estudo do artigo em três interpretações do conto Rosiano: a loucura, a morte e o luto, caracterizando a perfeição da obra em proporcionar significações tão diferentes, mas que são todas possíveis, quando se fazem diferentes leituras de um mesmo trecho, por exemplo.

Guimarães Rosa consegue suscitar essas possíveis significações, de forma perfeita e completa, utilizando-se de representações alegóricas, algumas apresentadas de forma mais explícita e outras mais escondidas no texto que necessitam de análises mais dedicadas e profundas como, por exemplo, o simbolismo da canoa e seu ocupante como a representação de Caronte, o barqueiro responsável pela travessia dos mortos na mitologia grega.

7 REFERÊNCIAS

BRUSTOLIN, Leomar A.; PASA, Fabiane, M. L. A morte na Fé Cristã: uma leitura interdisciplinar. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 54-72 jan. /jun. 2013.

CEIA, Carlos. Sobre o conceito de alegoria. *In: Matraga*. Lisboa. Universidade Nova. Portugal. n.10, outubro de 1998. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/nrsantigos/matraga10ceia.pdf>> Acesso em: 07 de out. 2019.

CROWLEY, Aleister. **O Livro da Lei**. Ed. 1. Chave, 01 de dez. 2017

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. A pré-história da psicanálise – I. *In: _____*. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998. p. 30.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MALYSSE, Stéphane. Antropologia da morte: um fato social fatal. _____ (Org.). **Opus Corpus. Antropologia das aparências corporais**. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/opuscorpus/PDF/t11p1.pdf>>. Acesso em: 01 de set. 2019.

MARCUS, Cid. Grécia Antiga – A vida e a morte – Costumes Funerários. **Cid Marcus**. 07 de set. de 2012. Disponível em: < <http://cidmarcus.blogspot.com/2012/09/grecia-antiga-vida-e-morte-costumes.html>>. Acesso em: 08 de out. 2019.

MILLANI, Helena de Fátima Bernades; VALENTE, Maria Luisa L. de Castro. O caminho da loucura e a transformação da assistência aos portadores de sofrimento mental. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**. (Ed. port.) v.4 n.2 Ribeirão Preto ago. 2008. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762008000200009>. Acesso em: 08 de out. 2019.

MINUZZI, L.P. Mia Couto e a simbologia de barcos: navegar, mais do que possível, é sonhável. *In: II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades*, 2015, Vitória. **Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.v.1. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufes.br/cnafricab/article/download/9499/6512>>. Acesso em: 01 de set. 2019.

MITOLOGIA ONLINE. **Caronte – O Barqueiro do Inferno – Mitos da Mitologia Grega**. 2016. Disponível em: <<https://www.mitologiaonline.com/mitos-lendas-historias/caronte-o-barqueiro-do-inferno/>>. Acesso em: 08 de out. 2019.

NKOSI, Milton. **Sul-africanos arruinam finanças em festas de funeral**. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/11/111127_funeral_africa_do_sul_financas_mm>. Acesso em: 09 de out. 2019.

OKAMOTO, Monica. O Tema da Loucura em Machado de Assis e Guimarães Rosa. **Línguas & Letras**, vol. 9, n°17, p. 57-70, 2008.

REINEHR, Toani Caroline; ALVES, Lourdes Kaminski. O Grotesco e a Construção Alegórica em Ensaio sobre a Cegueira e as Intermittências da Morte, de José Saramago. **Línguas & Letras**, v. 15, n. 29, jun./dez. 2014.

RODRIGUES, Sérgio Murilo. Pessoa na terceira margem do Rosa. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio**, n. 28, p. 233-241, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/download/P2358-3231.2016n28p233/10387>>. Acesso: 10 de out. 2019.

ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. *In: _____*. **Ficção completa**: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

SANTOS, S.F. Ritos Funerários na Grécia Antiga: Um Espaço Feminino. *In: I Congresso Internacional de Religião, Mito e Magia no Mundo Antigo*, 2010, Rio de Janeiro. Fórum de Debates em História Antiga. RJ: UERJ, 2010. V.1.p.111-111. Disponível em: <<http://neauerj.com/Anais/coloquio/sandraferreira.pdf>>. Acesso em: 02 de out. 2019.

SILVA, Valéria Fernanda da. **A loucura na terceira margem do rio**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, 2013.